



As relações interpessoais e o processo de ensino- aprendizagem

Autora
Marta Thiago Scarpato

Objetivos

Neste conteúdo discutiremos as relações interpessoais para que possamos refletir sobre as possíveis interferências no processo de ensino-aprendizagem, considerando os conceitos de Educação Integral e o desenvolvimento integral da emoção em suas diferentes formas de manifestação. Nosso objetivo é possibilitar uma educação que respeite e contribua para a formação humana, crítica e solidária.

As relações interpessoais e o processo de ensino-aprendizagem

1.1 Relações interpessoais e a Educação Integral

Relações interpessoais e a Educação Integral

Escaneie a imagem ao lado com um app QR code para assistir o vídeo ou acesse o link: "<https://player.vimeo.com/video/930373492>".



Precisamos compreender que, durante todo o processo de ensino-aprendizagem, relações interpessoais são construídas, e todos que vivenciam esse processo, professores e alunos, são pessoas que estão sempre em processo de desenvolvimento e aprendizagem. Nesse sentido, o desenvolvimento humano precisa ser compreendido na perspectiva da Educação integral.

Educação integral diz respeito a uma concepção de ser humano que transcende as concepções redutoras que são difundidas no meio social e educacional. Entre as concepções redutoras, a mais enfatizada é a do humano apenas como um ser cognitivo, que tem deixado marcas nos processos educativos, marcas que restringem esse processo à questão do conhecimento intelectual, ao desenvolvimento estritamente cognitivo (Scarpato, 2012, p. 40).

A Educação Integral foi referência para muitos pesquisadores da área da educação ao longo dos séculos, como Rousseau, Pestalozzi, Froebel e Freinet, teóricos que se preocupavam, em seus escritos e em suas propostas de ensino, com uma educação voltada para a formação do homem como um todo.

Dessa forma, eles têm uma visão de que o ser humano, além do pensamento e dos sentimentos, tem também um corpo que dá suporte a ambos, e pelo qual ele contata o mundo.

Assim, as relações interpessoais devem contribuir para o desenvolvimento integral – cognitivo, afetivo, motor e social –, tanto do professor quanto dos alunos.

[...] Cada um dos âmbitos dos sujeitos – pessoal, interpessoal, social, cognitivo, afetivo –, em qualquer interação, estão sincronicamente presentes e nenhum deles é afetado ou se transforma sem que os outros sejam também transformados. A qualidade da interação estabelecida é fundamental para que a construção e transformação cognitivo afetivo social de cada um dos parceiros ocorram na direção do pleno desenvolvimento de ambos, como pessoas (Placco, 2002, p. 9).

Vale salientar que, nas relações sociais, ocorrem interação, troca, expectativa e ansiedade, o que também interfere no desenvolvimento humano conforme a perspectiva da Educação Integral.



Saiba mais

Leia a obra *Didática e desenvolvimento integral*, de Marta Thiago Scarpato, publicada pela editora Avercamp, em 2012. Nela, são aprofundadas questões a respeito de um processo de ensino-aprendizagem que possa propiciar o desenvolvimento integral de alunos e professores. Assim, é salientada a necessidade de se repensar o processo de ensino-aprendizagem dentro dessa perspectiva por meio de diferentes temas, como a aula, os espaços onde as aulas podem acontecer, os ritmos de aprendizagem de cada um, a expressividade corporal do professor e os diferentes modos de aprender com um viés na teoria das inteligências múltiplas, entre outros aspectos.

1.2 Relações interpessoais

Escaneie a imagem ao lado com um app QR code para assistir o vídeo ou acesse o link: "<https://player.vimeo.com/video/948371906>".



As relações interpessoais e as experiências vividas num ambiente escolar podem afetar e comprometer o desempenho e a formação de cada pessoa e deixar marcas positivas ou negativas. O tempo que passamos na escola e na universidade também contribuem para o

nosso desenvolvimento integral. Essas lembranças deixam marcas para toda a nossa vida, havendo memórias boas e ruins, de modo que as vivências desse cotidiano são repletas de sucessos e fracassos, como nos lembra Arroyo (2004, p. 96):

O mesmo jovem negro, João, serralheiro, que guarda uma lembrança tão boa de sua professora, nos diz: "A escola não me cativava, não despertava interesse..." Outro jovem, Flavinho, 17 anos, funkeiro (filho de mãe operária em uma fábrica de tecidos e pai alcoólatra), tem uma visão ainda mais negativa: "... Se desse para viver sem escola eu preferia viver sem escola...". Que tem essa instituição que provoca reações tão desencontradas?

Podemos perceber que o papel do professor é fundamental nesse contexto. Muitas vezes, os alunos chegam à universidade com a autoestima baixa, pois carregam lembranças negativas. Sentem-se incapazes, não acreditam em suas capacidades de poder aprender, não sabem expressar suas opiniões durante as aulas e só ouvem. Vale lembrar que todas as experiências e as lembranças vividas no ambiente escolar podem afetar e comprometer o desempenho, a formação dos alunos, por deixar marcas positivas ou negativas.

É importante, portanto, haver uma intervenção do professor para que leve o aluno a acreditar que é capaz, dando oportunidade e voz para ele se expressar durante as aulas. É interessante quando, nas salas dos professores e nos corredores da universidade, profissionais comentam que seus alunos não sabem expressar suas ideias, falar em sala, explicar o que querem, o que sentem e o que pensam. Será que esses professores, enquanto ministram suas aulas, estão propiciando um modo de ensinar que dê oportunidades para os alunos expressarem suas opiniões? Estão contribuindo para a formação deles como seres humanos num âmbito integral?

A relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem precisa ser pessoal, carinhosa e capaz de criar vínculos. Professores e alunos são parceiros e não adversários nesse processo, cabendo ao professor ter maturidade emocional para compreender os conflitos e afrontas que ocorrem em sala de aula.

Figura – Professor-aluno



Fonte: Rawpixel.com/Shutterstock.

Nas relações interpessoais em sala de aula, situações conflituosas sempre existirão, pois há um grupo de pessoas que convivem e dividem o mesmo espaço. Porém muitos desses conflitos podem representar uma atitude de oposição, quando o professor é autoritário e não abre espaço para os alunos expressarem suas opiniões, fazendo com que estes contestem

aquele e o trabalho proposto apenas para exercitar essa contrariedade. Ou, então, o trabalho em sala de aula está desinteressante, pois só o professor fica a aula inteira falando, como se estivesse numa palestra sem interagir, esquecendo-se de olhar os corpos e gestos dos seus alunos.

Como lembram Almeida e Mahoney (2004, p. 126): “[...] O professor pode ‘ler’ seu aluno: o olhar, a tonicidade, o cansaço, a atenção, o interesse são indicadores do andamento do processo de ensino que está oferecendo”.

Outro tipo de situação conflituosa que pode ocorrer seria uma atitude de afronta não contra a pessoa do professor, mas contra o papel que ocupa, que pode causar incômodo, ainda mais no Ensino Superior, em que temos o ingresso de alunos adultos, com idade mais avançada.

Um professor precisa ter maturidade emocional para encarar todas essas situações conflituosas. Com isso, precisa ser mais racional, mediar e ponderar. Se alunos e professores começam a gritar uns com os outros, desrespeitar-se em sala, passa a haver uma visão totalmente distorcida da aula como espaço para crescimento e desenvolvimento, e esse encontro para aprender e crescer uns com os outros perde o seu real significado. Assim, a aula demora a voltar a ser compreendida e encarada com um espaço de desenvolvimento e aprendizagem humana.

1.3 Relações interpessoais e as manifestações da emoção

Escaneie a imagem ao lado com um app QR code para assistir o vídeo ou acesse o link: "<https://player.vimeo.com/video/948371925>".



É preciso compreender as manifestações da emoção nas relações interpessoais no processo de ensino-aprendizagem e as possíveis consequências que possam interferir no desenvolvimento integral.

A emoção apresenta três mecanismos de ação bem perceptíveis socialmente: a **contagiosidade**, que é a capacidade de contagiar as pessoas próximas; a **regressividade**, que é

a possibilidade de regredir um raciocínio; e a **plasticidade**, que reflete no próprio corpo os sinais da emoção (Wallon, 1995a).



Saiba mais

Para compreender o conceito de afetividade e de emoção no desenvolvimento humano, é necessário ler Henri Wallon ou outros pesquisadores brasileiros que estudam sua teoria, como Almeida e Mahoney (2004), Galvão (2014) e Dantas (1990).

A emoção usará o corpo como veículo para se expressar, e isso pode ser observado pelas expressões faciais e posturais e até por outros sinais menos perceptíveis, como aceleração do pulso, salivação, sudorese etc. Essas diferentes manifestações da emoção precisam ser observadas pelo professor na sala de aula. A expressão corporal também atua fortemente nas relações interpessoais, e diferentes manifestações emotivas vividas nas interações sociais são perceptíveis pelo tônus postural.

Entre as emoções que podem ser analisadas pelo professor num contexto escolar, temos a **alegria**, que surge primeiramente como um prazer. Ela “[...] nasce com a facilidade dos movimentos” (Wallon, 1995b, p. 120) e é perceptível nos bebês, por exemplo, quando são acariciados e demonstram excitação motora, balbucios etc. Pelos estudos de Wallon (1995a), a alegria tem forte relação com o movimento e pode ser observada nas crianças pequenas que saltitam quando pegam o brinquedo que querem ou ganham o doce esperado. Há alegrias tranquilas, que se caracterizam por uma menor manifestação motora e se expressam num estado de hipotonia, porque a pessoa está contagiada por uma situação prazerosa, agradável, e seu tônus fica relaxado.

Nesse sentido, no contexto de sala de aula, o professor pode perceber dois mecanismos de ação da emoção: a **plasticidade** e a **contagiosidade**. A primeira é perceptível quando os alunos pulam ou gritam ao receber a nota de uma prova que os preocupava, mas temos que considerar também aquele que expressa uma alegria tranquila, com tônus relaxado e uma expressão facial de contentamento. A segunda surge quando uma boa notícia dada pelo professor a um determinado grupo de alunos acaba contagiando toda a classe.

Já o **reflete-se no desequilíbrio postural. O aparecimento de uma cena habitual ou inusitada representa, tanto para a criança quanto para o adulto, a sua segurança pessoal ameaçada. Expresso num estado de hiper ou de hipotonia, dialeticamente, o medo pode vir a gerar emoções agradáveis para algumas pessoas. A criança, por exemplo, na atividade de jogo, pode transformar o medo em divertimento, como na brincadeira de esconde-esconde. O mesmo ocorre para os adultos que gostam de praticar esportes radicais.**

Ele pode aparecer na sala de aula quando um professor zomba de uma dúvida expressa pelo aluno, o que pode impedir que este volte a fazer questionamentos, ou quando alunos que realizam uma prova não lembram do tema estudado, o que é muito comum de acontecer. Vale ressaltar que a emoção e a inteligência são inseparáveis na atividade humana. Esses exemplos destacam outro mecanismo de ação da emoção, a **regressividade** – que atua na regressão do raciocínio dos alunos, impedindo-os de se expressar com clareza e objetividade.

A **cólera** pode ser visualizada pelo professor pelo mecanismo da plasticidade, quando o aluno lança golpes em si mesmo por estar inconformado ou com raiva da situação a que foi exposto, ou pela **contagiosidade** e pela **regressividade**, por exemplo, quando o professor avisa que fará uma prova surpresa pelo mau comportamento dos alunos em aula.

A **tristeza** é, para Wallon (1995a), a mais evoluída e socializada das emoções. Apesar de haver pouca ação corporal, pelo fato de a pessoa triste não querer se movimentar, e sim permanecer inerte, há um acúmulo de emoção no tônus, configurando-se então como uma emoção hipertônica.

A morte de um aluno da classe pode ser perceptível na **plasticidade**, pelo choro dos colegas, na **contagiosidade**, por emocionar todos na sala, e na **regressividade**, pelos estudantes não conseguirem ter maior concentração para fazer outras atividades.

Não podemos deixar de considerar as consequências da pandemia gerada pela Covid-19, iniciada em 2020, e os grandes impactos nos diferentes setores da sociedade. As pessoas no mundo todo tiveram que ficar isoladas em suas casas, longe dos familiares, amigos, o que gerou enormes mudanças nas relações interpessoais e, ao mesmo tempo, nas emoções e nos sentimentos de todos nós.

No contexto escolar, vigoraram o ensino remoto e as aulas online, o que foi um desafio e um enorme aprendizado para professores, alunos, escolas e universidades. A criação de vínculos no processo de ensino-aprendizagem teve que ser modificada, por exemplo, os professores tinham que fazer inúmeros apelos para que câmeras ficassem abertas, de modo que todos os alunos estivessem realmente "presentes", havendo um mínimo de troca, participação e envolvimento nas aulas online.

Com certeza a pandemia de Covid-19 nos trouxe inúmeros aprendizados, que afetaram em aspectos positivos e negativos o desenvolvimento humano integral e integrado.

Outro ponto a ser considerado nessa nossa reflexão é o quanto a visão do desenvolvimento humano no processo de ensino-aprendizagem é fragmentada, com uma distorção sobre a compreensão do corpo e seus movimentos no contexto escolar. Essa visão já foi analisada por teóricos, e há inúmeras contribuições para a questão, mas, infelizmente, isso ainda não se reflete no modo que se tem encarado o assunto nas salas de aula, pois ainda é exigido dos alunos que continuem parados, sentados por horas, ouvindo o professor. No Ensino Superior, isso é muito evidente, até pela falta de formação pedagógica da maioria dos professores.



Saiba mais

Para aprofundar mais essa questão de como o corpo está à margem do processo de escolarização, pode-se ler:

FREIRE, J. **De corpo e alma**: o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

GONÇALVES, M. A. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.

SCARPATO, M. **Didática e desenvolvimento integral**. São Paulo: Avercamp, 2012.

Essa prática de fragmentar a visão do aluno no ato de aprender reflete uma visão equivocada, que considera o corpo e o movimento como um empecilho no processo de ensino-aprendizagem: quanto mais o aluno permanece parado, menos atrapalha o planejamento pedagógico e mais se acredita na sua possibilidade de produção intelectual. Dentro da mesma ótica, o movimento, erroneamente, está associado à indisciplina, à falta de atenção.

Figura – Limites ao movimento em sala de aula



Fonte: LightField Studios/Shutterstock.

É fundamental levar em consideração as necessidades tônico-posturais no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Wallon (1995a) nos ensina que permanecer imóvel por um longo período é prejudicial, o que é confirmado pela fisiologia.

O movimento, conforme apresentado, por ser uma manifestação da emoção, pode expressar um estado desencadeado em determinado momento da aula, como a alegria, que resulta numa agitação corporal, ou o medo, que gera imobilidade. Deve, com isso, haver um olhar atencioso dos professores aos movimentos corporais dos alunos. O movimentar-se faz parte dos processos de desenvolvimento e contribui para a constituição do cognitivo e do afetivo. É preciso evitar aulas longas expositivas, que deixarão os alunos muito tempo parados. É necessário dar pausas e propor que se movimentem pela sala, levantem-se e até se espreguicem.

O professor deve considerar, ao planejar sua aula, o horário em que ela acontecerá. Por exemplo, nas primeiras aulas da manhã ou nas últimas da noite, os alunos estão com sono ou cansados. Também deve saber que cada aluno tem um ritmo interno e individual.

Dessa forma, de acordo com as situações vividas do cotidiano, agimos com certa temporalidade. Por exemplo, se estamos em casa num domingo ou feriado, podemos calmamente acordar, tomar o café da manhã, ler o jornal e conversar com a família sem a preocupação de fazer tudo rapidamente, respeitando o nosso ritmo corporal interno.

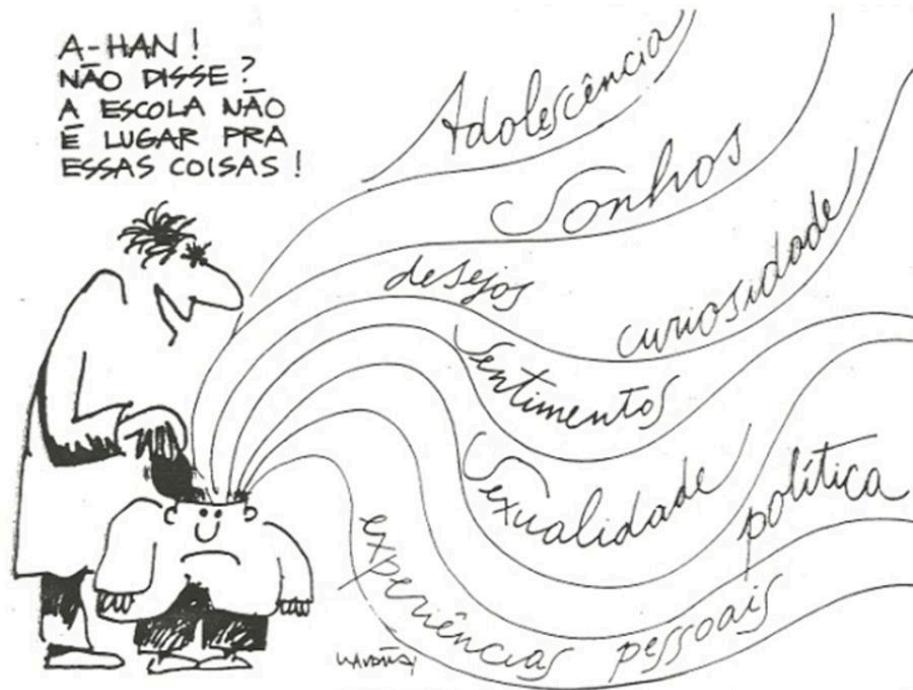
O ideal seria que aprendêssemos desde pequenos a conhecer e lidar com nosso ritmo interno individual, a fim de buscar um equilíbrio com o ritmo externo da sociedade em que vivemos, o que poderia possibilitar uma vida com menos enfermidades, dores, enxaquecas, estresse etc.

Durante o processo de ensino-aprendizagem, o professor precisa explorar diferentes espaços da escola, considerar a distribuição espacial das carteiras para o tema da aula e respeitar o ritmo interno de cada aluno, a fim de possibilitar que o tempo e o espaço da aula propiciem um encontro para a aprendizagem e o crescimento do professor e dos alunos, promovendo aulas que respeitem a integralidade das pessoas.

Há também muita dificuldade de interpretar a emoção, sobretudo por não se compreender seu verdadeiro significado e se desconhecer seu funcionamento, tanto fisiológico quanto social. Confunde-se emoção com sentimento, sendo a primeira mais instantânea, podendo ser observada por reações tônicas musculares. Já o segundo tem uma ação mais duradoura e, ao mesmo tempo, mais difícil de ser observada por essas reações.

O tema emoção raramente é enfrentado e discutido no processo de ensino-aprendizagem de forma mais clara, por isso, muitas vezes há incertezas sobre como conduzir e administrar situações emotivas como as exemplificadas.

Figura – Mente do aluno



Fonte: Harper et al. (1980).

É preciso considerar que as experiências vividas na sala de aula exercem grande influência no ser humano, mas ainda não se comprehende, não se interpreta a importância da afetividade e dos sentimentos para o desenvolvimento dos alunos no contexto escolar. Perceber a existência da relação entre afeto, cognição, movimento e meio social é importante a fim de promover o desenvolvimento harmonioso de todos os atores na ação pedagógica.

A universidade, com seus atores – direção, coordenação e principalmente corpo docente –, precisa conhecer e refletir sobre o papel da emoção, do sentimento, nesse cenário de aprendizagens. Há grandes riscos, segundo Wallon (*apud* Almeida; Mahoney, 2004), de uma educação que desconsidere o afeto.

A vida passionada afetiva é a origem mais poderosa da ação. Mas ela obnubila o espírito crítico e pode desenvolver o fanatismo. Uma educação exclusivamente intelectualista que a deixaria ao abandono corre o risco de se tornar o instrumento das consequências

mais funestas. O exemplo do país fascista onde a inteligência tem sido depreciada e o instinto exaltado... mostra a quais aberrações selvagens ele pode chegar. Para evitar o retorno de uma barbaridade semelhante, é necessário educar a sensibilidade conjuntamente com a razão (Almeida; Mahoney, 2004, p. 102).

Escaneie a imagem ao lado com um app QR code para assistir o vídeo ou acesse o link: "<https://player.vimeo.com/video/948371958>".



Na sala de aula, o aluno vive diferentes emoções, conforme apresentamos há pouco, e inúmeras relações interpessoais são construídas. O professor precisa estar muito atento à observação de algumas dessas emoções surgidas em meio às relações sociais, que podem se transformar em sentimentos equivocados, como a inveja e a raiva, e gerar atitudes como a competição individualizada. Do mesmo modo que se propicia na sala de aula o desenvolvimento intelectual, também se permite o afetivo, e ambos são inseparáveis e interdependentes.

Perceber a complementaridade entre emoção e inteligência no processo de ensino-aprendizagem leva a repensar a prática docente, os procedimentos de ensino adotados e a avaliação. Às vezes, a maneira pela qual o professor chama a atenção de um aluno para determinada atividade em sala, dependendo do seu tom de voz ou de sua postura, pode gerar uma inibição diante daquele conhecimento, produzindo, consequentemente, sentimentos questionáveis. A afetividade sempre permeia a relação pedagógica.

Uma situação que vivemos na escola e que com certeza ilustra essa relação de interdependência é termos estudado para uma prova, ficarmos nervosos no momento de realizá-la e esquecermos tudo. O famoso "dar um branco". Wallon (1995a) nos alerta que o grande desafio é buscar o equilíbrio entre a razão e a emoção.

Temos consciência de que predomina no contexto escolar, principalmente no Ensino Superior, uma supervalorização do aspecto cognitivo. O próprio sistema defende que sejam transmitidos inúmeros conteúdos escolares aos alunos e que estes sejam cobrados por meio de provas e exames. Isso acaba interferindo na prática pedagógica do professor, pelo fato de atribuir demasiado valor ao desenvolvimento intelectual dos estudantes. Professor e alunos se desenvolvem integralmente, não é só com os alunos que temos que nos preocupar, mas também com a formação continuada dos professores.

É preciso aprender a observar os alunos como um todo e não apenas os seus aspectos cognitivos. É importante perceber a ligação entre afeto, cognição e movimento e atentar-se para a postura, o olhar, o cansaço, o excesso ou a falta de movimento no cotidiano da aula. O professor precisa saber que a afetividade – emoção e sentimentos – tem a função de estimular ou inibir a aprendizagem e criar um clima em sala de aula de parceria para canalizar a afetividade na produção do conhecimento, despertando o interesse dos alunos.

Cabe ao professor estar ciente de como a afetividade permeia o processo de ensino-aprendizagem e aprender a observar os alunos de modo integral, procurando ser mais racional, com mais maturidade emocional, para mediar e ponderar os conflitos e as diversas situações vividas em sala de aula.

Recapitulando

Neste conteúdo pudemos analisar o quanto, no processo de ensino-aprendizagem, as relações humanas são construídas e o quanto o papel do professor é fundamental para propiciar uma educação integral que realmente apoie o desenvolvimento humano em sua integralidade.

Autoria

Marta Thiago Scarpato

Autora

Doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – 2002 a 2006. Mestrado em Educação Física (Educação Motora) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – 1996 a 1999. Graduação em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional e Supervisão Escolar pela PUC-SP – 1990 a 1993.

Glossário

Hipotonia

Na fisiologia, é a redução ou perda do tono muscular. Fonte: [dicio.com.br/hipotonia](https://www.dicio.com.br/hipotonia/) [<https://www.dicio.com.br/hipotonia/>].

Tônus

Estado de excitabilidade do sistema nervoso que controla ou influencia os músculos esqueléticos. Estado normal de elasticidade e resistência de um órgão ou tecido. Fonte: [dicio.com.br/tonus](https://www.dicio.com.br/tonus/) [<https://www.dicio.com.br/tonus/>].

Bibliografia

Bibliografia Clássica

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. (orgs.) **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon.** São Paulo: Loyola, 2004.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas:** trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2004.

DANTAS, H. **A infância da razão:** uma introdução à psicologia da inteligência de Henri Wallon. Barueri: Manole, 1990.

GALVÃO, I. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HARPER, B. et al. **Cuidado, escola!**: desigualdade, domesticação e algumas saídas. Apresentado por Paulo Freire (equipe do Idac). 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PLACCO, V. M. N. de S. Relações interpessoais em sala de aula e o desenvolvimento pessoal de aluno e professor. In: ALMEIDA, L. R. de.; PLACCO, V. M. N. de S. (orgs.). **As relações interpessoais na formação de professores.** São Paulo: Loyola, 2002.

SCARPATO, M. **Didática e desenvolvimento integral.** São Paulo: Avercamp, 2012.

SCARPATO, M. A afetividade no processo de ensino-aprendizagem. In: CARLINI, A.; SCARPATO, M. **Ensino Superior:** questões sobre a formação dos professores. São Paulo: Avercamp, 2008.

TONUCCI, F. **Com olhos de criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1995b.

WALLON, H. **Evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1995a.

Bibliografia Geral

MÁXIMO, M. E. No desligar das câmeras: experiências de estudantes de Ensino Superior com o ensino remoto no contexto da Covid19. **Civitas: Revista De Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 235-247, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39973> [https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39973]. Acesso em: 31 out. 2023.